

O NIETZSCHE DE HEIDEGGER***Adriano Correia (UFG)†**

correiaadriano@yahoo.com.br

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*, vols. I e II. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

As referências à obra de Friedrich Nietzsche aparecem desde o início na obra de Martin Heidegger, ainda que circunstanciais e ocasionais. No percurso da obra de Heidegger desenha-se um movimento de aproximação e distanciamento que marcará sua apropriação da obra nietzschiana, orientada pela convicção de que “Nietzsche compreendia bem mais do que dava a conhecer” (HEIDEGGER, 1967, § 76, p. 396). Disso se seguiu a posição hermenêutica característica da sua leitura: a de que “a filosofia propriamente dita de Nietzsche é deixada para trás como obra ‘póstuma’, não publicada” (HEIDEGGER, 2007 [vol. I], p. 11).

A recente publicação da tradução em português dos dois volumes da obra *Nietzsche* – publicada ainda em vida por Heidegger e que constitui a sua ocupação mais detida com a obra nietzschiana, resultado de uma reunião, realizada pelo autor, de preleções e ensaios concebidos entre

* Resenha recebida em 20.03.2010 e aprovada para publicação em 21.04.2010.

† Professor Adjunto na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil e pesquisador do CNPq.

1936 e 1946 – é auspiciosa para a definição desse diálogo entre dois pensadores que marcaram e ainda marcam o curso da filosofia contemporânea. Além da edição cuidada, a apresentação e as notas de Marco Antônio Casanova são esclarecedoras. A posição de Heidegger ante Nietzsche é definida por Casanova como uma confrontação, cujo propósito fundamental é estabelecer o que é próprio a cada um dos pensadores – mas é o próprio Heidegger mesmo quem indica, em uma nota do período dos cursos sobre Nietzsche, que tal confrontação apóia-se na “afinidade mais íntima”. Heidegger afirmou que “se o pensamento nietzscheano reúne a tradição até aqui do pensamento ocidental e a consuma segundo um aspecto decisivo, então a confrontação com Nietzsche torna-se uma confrontação com o pensamento ocidental até aqui” (HEIDEGGER, 2007 [vol. I], p. 7). Tal confrontação, diz ele, é crítica autêntica, na medida em que assume a tarefa de repensar o pensamento e perseguir-lo em sua força atuante.

Heidegger integra Nietzsche ao seu modo de pensar quando o interpreta. Com efeito, como nota Benedito Nunes,

na identidade filosófica atribuída a Nietzsche, a filosofia de Heidegger alcança o estado de plena identidade consigo mesma – identidade filosófica e biográfica conquistada polemicamente em duas frentes: a política, em face da ideologia nazista, e a universitária, em face das diretivas mais em voga nas cátedras filosóficas da Alemanha (NUNES, 2000, p. 17).

Disso surge, entretanto, a questão sobre que identidade filosófica Heidegger atribui a Nietzsche. Ou sobre como ele o transfigura quando o interpreta.

Heidegger explora a trilha aberta por Nietzsche com a declaração “Deus está morto” como um signo do fim da metafísica, mas não reconhece nele a ruptura radical com a tradição, e sim um ponto de culminação e acabamento. Mas como situar o autor de *O crepúsculo dos ídolos* na tradição metafísica que ele sumariou como a história de um erro e deliberou suplantá-lo? Teria sido Nietzsche apenas a marca da ruptura com a metafísica, mas não o seu ultrapassamento? Heidegger parecia acreditar que sim. Ele reconhecia em Nietzsche, todavia, a abertura ou a indicação da passagem para um novo modo de conceber o pensamento, consolidado, no juízo de Heidegger, apenas em sua própria obra.

Seguramente Heidegger não reconhece em Nietzsche o platonismo que, na duplicação entre mundo verdadeiro e mundo aparente (ou entre sensível e supra-sensível), define o que é propriamente metafísico para Nietzsche, mas afirma que “a revirada do platonismo, no sentido conferido por Nietzsche, de que o sensível passa a constituir o mundo verdadeiro e o supra-sensível o não-verdadeiro, permanece teimosamente no interior da metafísica” (HEIDEGGER, 2002, p. 68). Entretanto, posteriormente, no texto “A frase de Nietzsche: ‘Deus está morto’” (HEIDEGGER, 1980), é o próprio Heidegger quem reconhece que em Nietzsche não temos uma mera inversão hierárquica entre sensível e supra-sensível, mas a rejeição da própria dualidade, como fez notar Nietzsche em *O crepúsculo dos ídolos*, quando afirmou que com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente.

Para que a metafísica platônica seja definitivamente superada, é necessário abolir também o “mundo aparente”.

Abolir o “mundo aparente” significa na verdade eliminar a maneira como o sensível é visto pelo platonismo, ou seja, retirar-lhe o caráter de aparência. Não se trata, pois, de abolir o mundo sensível, mas de eliminar o mal-entendido do platonismo, abrindo caminho assim para uma nova concepção do sensível e para uma nova relação entre sensível e não-sensível. Para tanto, não basta apenas inverter a velha hierarquia, enaltecendo o que antes estava embaixo, exaltando o sensível e desprezando o não-sensível. É preciso abandonar inteiramente o horizonte do platonismo-niilismo, ou seja, a dicotomia ontológica que ele implica e suas respectivas categorias. Em Nietzsche, enfim, é como se fosse possível falar de Ser e de Aparência apenas na medida em que Ser e Aparecer coincidem.

Em que sentido, então, Nietzsche permanece enredado na metafísica que pretende superar? Para fornecer indicações satisfatórias para uma resposta, incontornavelmente precária, precisamos recorrer à obra *Nietzsche*, de Heidegger, notadamente na interpretação do significado da vontade de poder. Não é casual que Heidegger tenha passado a se interessar mais agudamente por Nietzsche após sua experiência no reitorado e sua adesão ao nacional-socialismo, no início da década de 1930 – embora seguramente haja muito mais em questão. Ao mesmo tempo em que encontra em Nietzsche um ataque à metafísica decadente do racismo e do biologismo, Heidegger julga que Nietzsche atolou-se na modernidade que pretendia superar quando deslocou a idéia de valor para o centro do seu pensamento. Em vista disso, o percurso da interpretação heideggeriana desenrola-se em grande medida como uma tentativa de superação de

Nietzsche, nas trilhas abertas pelo próprio pensamento dele.

É certo que Nietzsche compreende a metafísica antes de tudo como a derivação do condicionado a partir do incondicionado. Que o mundo seja vontade de poder e nada além, não redundaria em uma substancialização da vontade de poder. Não é essa a crítica de Heidegger. Para ele, o que Nietzsche faz é “esquecer o ser ao enredar-se no ente”, quando “parte do princípio da vontade de poder inserindo tudo no âmbito do ser humano que confere valores” (SAFRANSKI, 2000, p. 358). A filosofia nietzscheana da vontade de poder insere-se na história do esquecimento do ser que é o próprio cerne da metafísica ocidental, para Heidegger, e, particularmente, traduz a culminação da subjetivação moderna. Ao pensar o ser como devir mobilizado pela dinâmica da vontade de poder, que preside a subsistência de todo o que há, Nietzsche perderia de vista que o tempo é o próprio sentido do ser.

O interesse de Heidegger pela vontade de poder, entretanto, é mobilizado também por considerações de ordem propriamente política. Nietzsche compreende que “o poder é a essência da vontade”, de modo que, diz Heidegger, “vontade de poder é então vontade de vontade, ou seja, querer é: querer a si mesmo” (HEIDEGGER, 2007 [vol. I], p. 35). Mas vontade é ainda antes de tudo poder comandar e querer ser mais forte, e não desejo ou escolha. Tudo o que subsiste é mobilizado para a autopreservação e esta só é possível com predomínio e intensificação.

O impulso para o domínio que preside o querer é antagônico ao deixar ser que marca o pensamento que atende ao chamado do Ser. Apenas assim podemos compreender a

centralidade dos volumes sobre Nietzsche para a reviravolta no pensamento heideggeriano. Doravante ele buscará a serenidade que prepara para um pensamento que não se traduza em uma vontade. Poderíamos aqui nos perguntar, como o faz Ernani Chaves: “teria Heidegger suportado a radicalidade do pensamento de Nietzsche? Ou ele a expeliu de sua interpretação, ao substituir a vontade de potência pela ‘serenidade’ e, assim, poder ainda ansiar por um ‘último deus?’” (CHAVES, 2000, p. 14).

A política não é mais o destino. R. Safranski relata, em sua biografia sobre Heidegger, que alguém o teria encontrado logo após a experiência do reitorado e indagado: “de volta de Siracusa?”. O fascínio pelo criador do Estado se dissipa e ele desiste de ser o poeta a fundar a disposição original do *Dasein* de seu povo. Teria ele vivenciado, como Platão, o fascínio pelo tirano e a desgraça de ter-se posto a seu serviço. Mas podemos pensar ainda no Zarathustra nietzscheano, alegoricamente, quando Heidegger compreende sua experiência na reitoria como a de um mensageiro que chegou cedo demais... Como Zarathustra, recém-saído de sua solidão, ele também poderia ter dito: “não sou a boca para esses ouvidos”.

Em todo caso, se a interpretação heideggeriana é antes de tudo iluminadora da autocompreensão heideggeriana do significado de sua própria posição filosófica, é, ainda assim, iluminadora de vários aspectos centrais à compreensão da obra nietzscheana – mesmo que às vezes *pace* Heidegger –, o que explica sua renovada atualidade.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Ernani. Prefácio. In: NUNES, Benedito. *O Nietzsche de Heidegger*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer, 1967.

_____. *Nietzsche*, vols. I e II. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. A superação da metafísica. In: *Ensaio e conferências*. 2ª ed.. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. Nietzsches Wort "Gott is tot". In: *Holzwege*. 6. Aufl. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1980, p. 205-63.

NUNES, Benedito. *O Nietzsche de Heidegger*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000 (Prefácio de Ernani Chaves).

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.